

## DESAFIOS E POTENCIAIS DE UM JORNALISMO INTERSECCIONAL: QUANDO A PAUTA É DIVERSIDADE

*Challenges and Potentials of Intersectional Journalism: When the Agenda is Diversity*

*Desafíos y Potenciales de un Periodismo Interseccional: Cuando la Agenda es la Diversidad*

**Rafael Rodrigues Pereira**

Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Ponta Grossa - PR, Brasil

[rafa.rpereira@gmail.com](mailto:rafa.rpereira@gmail.com)

<https://orcid.org/0009-0002-3414-9236> 



TEIXEIRA, Juliana; BRITO, Vinícius de; SILVA, Luze; MOURA, Laura; CARVALHO, Ana Karolina; ESTRÊLA, Maria Clara (org.). *Por um jornalismo digital mais inclusivo: reflexões a partir de potencialidades, limitações e interseccionalidades*. Teresina: Grupo de Pesquisa JOII – Jornalismo, Inovação e Igualdade/UFPI, 2024.

[Descrição da imagem] A imagem apresenta a capa de um livro com predominância das cores roxo, verde e branco. No topo, há o título em destaque: “Por um jornalismo digital mais inclusivo”, seguido do subtítulo “reflexões a partir de potencialidades, limitações e interseccionalidades”. À esquerda da capa, há a figura de uma pessoa com cabelo crespo, vestindo uma camisa clara, olhando para baixo em direção a dispositivos eletrônicos. Na parte inferior da imagem, aparecem diversos dispositivos digitais, como celulares e tablets, dispostos sobre uma superfície, com telas iluminadas em tons de verde e amarelo, sugerindo o ambiente digital e tecnológico. A composição visual articula elementos humanos e tecnológicos, remetendo à relação entre diversidade, inclusão e jornalismo digital. Na base da capa, estão logotipos institucionais relacionados à publicação. [Fim da descrição]

**Resumo:** A resenha analisa a obra *Por um jornalismo digital mais inclusivo* (2024), destacando suas contribuições para os debates sobre jornalismo, diversidade e justiça social. O texto evidencia como a perspectiva interseccional permite compreender desigualdades presentes na produção e circulação da informação. São discutidos temas como racismo, LGBTfobia, violência contra mulheres jornalistas e representações de grupos marginalizados. A análise ressalta a articulação entre comunicação, tecnologia e direitos humanos. Também destaca os aportes teóricos sobre mediatização, plataformização e epistemologias críticas. Conclui que a obra contribui para práticas jornalísticas mais inclusivas e comprometidas com a democracia e a justiça social.

**Palavras-chave:** jornalismo; diversidade; interseccionalidade; inclusão; comunicação.

**Abstract:** This review examines the book *Towards a More Inclusive Digital Journalism* (2024) and its contributions to discussions on journalism, diversity, and social justice. It highlights how an intersectional perspective helps explain inequalities in information production and circulation. The work addresses issues such as racism, LGBTQIAPN+ discrimination, violence against women journalists, and the representation of marginalized groups. The analysis emphasizes the relationship between communication, technology, and human rights. It also discusses theoretical contributions concerning mediatization, platformization, and critical epistemologies. The review concludes that the book promotes more inclusive journalistic practices committed to democracy and social justice.

**Keywords:** journalism; diversity; intersectionality; inclusion; communication.

**Resumen:** La reseña analiza la obra *Por un periodismo digital más inclusivo* (2024) y sus aportes a los debates sobre periodismo, diversidad y justicia social. Destaca cómo la perspectiva interseccional permite comprender las desigualdades presentes en la producción y circulación de la información. El libro aborda temas como racismo, LGBTfobia, violencia contra mujeres periodistas y representaciones de grupos históricamente marginados. El análisis resalta la relación entre comunicación, tecnología y derechos humanos. Asimismo, enfatiza las contribuciones teóricas sobre mediatización, plataformización y epistemologías críticas. Se concluye que la obra favorece prácticas periodísticas más inclusivas y comprometidas con la democracia y la justicia social.

**Palabras clave:** periodismo; diversidad; interseccionalidad; inclusión; comunicación.

A obra *Por um Jornalismo Digital mais inclusivo: Reflexões a partir de potencialidades, limitações e interseccionalidades* (2024), organizada por Juliana Teixeira, Vinícius de Brito, Luze Silva, Laura Moura, Ana Karolina Carvalho e Maria Clara Estrêla, configura-se como um marco relevante nas discussões contemporâneas sobre os desafios do jornalismo digital em contextos marcados pela diversidade e pelas desigualdades. Fruto do II Congresso Internacional Jornalismo, Inovação e Igualdade (CIJOII), promovido pelo Grupo de Pesquisa JOII da Universidade Federal do Piauí, o livro reúne doze artigos que tensionam as interseções entre comunicação, tecnologias digitais e justiça social a partir de múltiplos recortes metodológicos e temáticos.

Longe de apresentar uma coletânea meramente técnica ou instrumental, o livro se estrutura como um campo de disputa epistemológica. O recorte da obra sobre

*potencialidades e limitações* do jornalismo digital é amparado por perspectivas críticas que reconhecem os atravessamentos sociais como determinantes para a construção e circulação da informação. Isso fica evidente, por exemplo, quando Luziário Silva e Ana Regina Rego, ao analisarem a hipersexualização de corpos gays pretos nas narrativas jornalísticas, afirmam que a mídia constrói estereótipos reforçando uma lógica racista e homofóbica que exotiza os corpos dissidentes em vez de humanizá-los.

A crítica à cisheteronormatividade é um eixo que atravessa vários capítulos. No artigo de Gabriele Almeida e Sandra Moura, a análise da hashtag #Burgerkinglixo expõe como o discurso de ódio se organiza em rede contra campanhas que visam à inclusão LGBTQIAPN+. As autoras apontam que “o boicote revela um conservadorismo articulado que tenta reestabelecer a heteronormatividade como norma hegemônica do discurso público”. Essa reflexão ganha potência em tempos nos quais o digital se tornou campo de batalha ideológico e simbólico.

O protagonismo das mulheres jornalistas, sobretudo em suas intersecções de gênero e raça, é abordado de maneira crítica e sensível no capítulo de Nayara Nascimento de Sousa, que explora “as práticas de violência e silenciamento enfrentadas por mulheres jornalistas negras nas redações e nas redes sociais, cenário que expõe o racismo estrutural e o machismo institucionalizados na mídia”. Sua análise oferece não apenas um diagnóstico, mas um convite à transformação da estrutura jornalística, por meio do reconhecimento da alteridade e do enfrentamento das desigualdades de forma sistêmica.

Outro destaque é a análise interseccional do jornalismo de dados produzida por coletivos do Nordeste, como a Gênero e Número, Agência Tatu e Agência Diadorim. Os autores do capítulo destacam que “esses projetos não apenas narram desigualdades, mas também tensionam o lugar de enunciação do jornalismo, deslocando-o do centro para as margens, do Sudeste para o Nordeste, dos brancos para os corpos racializados e dissidentes”. É um jornalismo que não apenas informa, mas reivindica a justiça cognitiva e territorial.

A linguagem acessível e engajada da coletânea não compromete o rigor acadêmico. Pelo contrário, a escrita dos capítulos, muitas vezes atravessada pela vivência dos autores(as), fortalece o compromisso da obra com uma ciência mais inclusiva e dialógica. O livro, portanto, não se dirige apenas à academia, mas também a jornalistas, ativistas, estudantes e movimentos sociais que buscam repensar os modos de fazer jornalismo em tempos de crises democráticas e avanço da desinformação.

Além da densidade temática que atravessa os capítulos, a obra mobiliza um repertório teórico plural e crítico, que reforça seu compromisso com a justiça cognitiva e a desconstrução de paradigmas hegemônicos na comunicação. Autores como José Luiz Braga (2017) são fundamentais para pensar os circuitos de comunicação e os modos como a informação circula em ecossistemas digitais marcados pela desigualdade de acesso e pelas disputas simbólicas. Já Andreas Hepp (2020) contribui com a noção de “mediatização profunda”, evidenciando como os processos comunicacionais contemporâneos não apenas mediam, mas reconfiguram a experiência social de forma intensiva, especialmente em contextos como o do Metaverso, analisado por Frederico Reis Pacheco. A ideia de “plataformização”, proposta por Poell, Nieborg e Van Dijck (2020), também comparece como lente crítica para examinar os modos de controle, distribuição e visibilidade no jornalismo digital, que tende a reproduzir lógicas algorítmicas excludentes.

Em articulação com essas abordagens mais estruturais, a coletânea se ancora também em epistemologias feministas negras, ainda que nem sempre nomeadas diretamente, mas perceptíveis na valorização das experiências e saberes de corpos dissidentes e racializados. É o que se observa no capítulo de Nayara Nascimento de Sousa, ao tratar das práticas de violência e silenciamento sofridas por mulheres jornalistas negras, e no trabalho de Luziário Silva e Ana Regina Rego, que denunciam a hipersexualização de corpos gays pretos na mídia alternativa, apontando como essas narrativas reforçam lógicas racistas e homofóbicas. O pensamento de Goffman (2020), especialmente em relação às máscaras sociais e à performance identitária, também é convocado para compreender as dinâmicas de construção do “eu” em ambientes digitais, atravessados pela vigilância, pela exposição e pelo julgamento público.

*Por um Jornalismo Digital mais inclusivo* é, portanto, uma obra urgente. Em um Brasil onde as liberdades estão ameaçadas por discursos de ódio, fundamentalismos religiosos e ataques sistemáticos aos direitos dos grupos minorizados, o livro se insere como resistência intelectual e política. Seu maior mérito é articular teoria e prática, denúncia e proposição, análise e afeto — fazendo do jornalismo não apenas um campo técnico, mas também um espaço de luta, de escuta e de reinvenção coletiva.

## Referências

BRAGA, José Luiz. *Circuitos de comunicação*. In: BRAGA, José Luiz et al. **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2017. p. 43-64.

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, a genealogia e a história**. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. p. 15-40.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

HEPP, Andreas. **Deep mediatization**. New York: Routledge, 2020.

KOZINETTS, Robert. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

MANCINI, Patrícia; VASCONCELLOS, Mariana. **Reportagem com e de dados**: uma proposta metodológica para a análise de conteúdo jornalístico guiado por dados. *Revista GEMInIS*, São Carlos, v. 7, n. 2, p. 71-91, 2016.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. **Plataformização**. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, v. 22, n. 1, p. 2-10, 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/frag2020>.

TEIXEIRA, Juliana et al. (org.). **Por um jornalismo digital mais inclusivo**: reflexões a partir de potencialidades, limitações e interseccionalidades. Teresina: Grupo de Pesquisa JOII – Jornalismo, Inovação e Igualdade/UFPI, 2024.

# DADOS DE PUBLICAÇÃO

## CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: R. R. Pereira.

## ORIGEM DA PESQUISA

Não se aplica

## USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O autor utilizou o ChatGPT (GPT-4) apenas para tradução do título de obra para o inglês e espanhol. Todo o conteúdo argumentativo foi desenvolvido integralmente pelo autor.

## FINANCIAMENTO

Não se aplica.

## CONFLITO DE INTERESSES

A pessoa autora declara não haver interesses conflitantes.

## DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA E OUTROS MATERIAIS

A pesquisa não possui dados. O artigo não contém dados coletados ou obtidos por meio de análises a partir de fontes primárias (exemplos: artigo teórico, ensaio reflexivo e resenha).

## LICENÇA DE USO

As autorias cedem à revista Estudos em Jornalismo e Mídia os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença [Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. As autorias têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em *site* pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

## PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade das pessoas autoras, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## **EDITORES**

Daiane Bertasso Ribeiro  
Flávia Garcia Guidotti  
Rogério Christofolletti

## **HISTÓRICO**

Recebido em: 01-07-2025  
Aprovado em: 16-03-2026  
Publicado em: 22-06-2026